



Trabalhando com educação de jovens e adultos (EJA) e a relação dos alunos com a matemática

Angela Martins **Bortoletto**¹

Universidade de São Paulo

Brasil

angela.bortoletto@usp.br

Resumo

Esse artigo apresenta os resultados de uma pesquisa sobre o trabalho em sala de aula de alunos jovens e adultos, e a relação desses alunos com a matemática, em sua escolaridade básica. A questão norteadora dessa investigação foi: qual a percepção de alunos jovens e adultos quanto ao uso da matemática em seu cotidiano/profissão. O objetivo da investigação foi identificar se esses jovens e adultos relacionam a matemática escolar com a matemática “cotidiana”, e o estudo sobre como lidar com esse tipo de aluno em sala de aula. A pesquisa tem cunho qualitativo, do tipo estudo de caso. Apresentam-se os resultados de pesquisa realizados a uma turma de EJA, inseridos dentro de uma escola particular na cidade de São Paulo.

Palavras chave: Educação Matemática, Educação de Jovens e Adultos, Etnomatemática, Identidade, Inclusão Escolar.

Considerações iniciais

“A educação popular e a EJA enfatizaram uma visão totalizante do jovem e adulto como ser humano, com direito a se formar como ser pleno, social, cultural, cognitivo, ético, estético, de memória [...]” (Arroyo, 2001, p. 13)

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da USP – na Linha de pesquisa do Ensino de Ciências e Matemática, sob orientação da prof. Dra. Maria do Carmo Santos Domite.

Ao se falar em Educação de Jovens e Adultos podemos pensar historicamente de onde surgiram suas raízes. Os primeiros vestígios de educação de adultos no Brasil se dão na colonização, após a chegada de padres jesuítas. Mas somente na década de 1930, começavam as primeiras iniciativas em relação a educação de jovens e adultos, pois foi nessa época que o ensino se tornou direito de todos, inclusive dos adultos. Em 1930, foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública e, em 1931, o governo provisório sanciona decretos organizando o ensino secundário e as universidades brasileiras ainda inexistentes. Estes Decretos ficaram conhecidos como "Reforma Francisco Campos". Em 1934, a nova Constituição (a segunda da República) dispõe, pela primeira vez, que a educação é direito de todos, devendo ser ministrada pela família e pelos Poderes Públicos.

Na década de 1940 é que começava uma ampliação da educação elementar, pois nessa época houve um êxodo rural muito forte, e também com o fim da ditadura e com base nos parâmetros eleitorais da época era interessante "integrar" essa população. Daí por diante novos projetos e campanhas foram lançados com o intuito de alfabetizar jovens e adultos que não tiveram acesso à educação em período regular. Dentre estes projetos podemos citar: a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos – CEAA (1947), a qual previa uma alfabetização de 3 meses e condensava o curso primário em dois períodos de 7 meses, a etapa seguinte seria voltada para um desenvolvimento comunitário e para o treinamento profissional. Após a popularidade desta campanha, tentaram dar continuidade à mesma adotando a Campanha Nacional de Educação Rural, que era uma ação conjunta do Ministério da Saúde e Educação com o Ministério da Agricultura (1952). Após a repercussão dessas duas campanhas também tivemos: o Movimento de Educação de Base – MEB, sistema rádio educativo criado na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com o apoio do Governo Federal (1961); além dos Centros Populares de Cultura – CPC (1963), Movimento de Cultura Popular – MCP e a Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler – CPCTAL.

A partir da década de 1960 o pensamento de Paulo Freire, projeta-se na educação brasileira caracterizando-se como uma visão socialmente compromissada, inspirando assim os programas de alfabetização e de educação popular dessa época. Em 1963 tivemos o Plano Nacional de Alfabetização que previa a disseminação por todo o Brasil de programas de alfabetização conhecidos como "Sistema Paulo Freire". Mas em 1964, após o Golpe Militar os programas, movimentos e campanhas educacionais para jovens e adultos foram extintos ou fechados, encerrando-se assim o Plano Nacional de Alfabetização. Assim o governo assume os programas educacionais e cria em 1967 o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). O MOBRAL foi criado pelo regime militar e tinha também o propósito de controle e de afastar a perspectiva "socialmente compromissada" considerada indesejada pelo regime militar.

Na década de 1970, o Brasil passou por uma grande campanha massiva de alfabetização e de educação continuada de jovens e adultos, mas, contidas pelo regime militar. Das iniciativas geradas após essa campanha, uma importante foi o PEI – Programa de Educação Integrada (forma condensada do antigo curso primário). Houve também nessa época uma ampla difusão do ensino supletivo promovida pelo MEC, e a implantação dos CES – Centros de Ensino Supletivo. Como a lei criada nessa década, podemos citar aqui a LDB 5692/71, aonde dita direitos ao ensino supletivo.

No período 1980-1985 foi estabelecido o III Plano Setorial de Educação, Cultura e Desporto, assinalando a educação como direito fundamental do cidadão.

Em 1985, o MOBRAL foi extinto e substituído pela Fundação Educar, agora dentro da competência do MEC com finalidades específicas de alfabetização, e que apoiava financeira e tecnicamente as iniciativas do governo, das entidades civis e das empresas.

Na década de 90, a Fundação Educar foi extinta, com o início do Governo Collor, quando já vigia uma nova concepção da EJA a partir da Constituição Federal de 1988. Após esse período tivemos um grande vazio nas reformas da Educação de Jovens e Adultos.

Só no ano de 2000 sob a coordenação do Conselheiro Carlos Jamil Cury, é aprovado o Parecer nº11/2000 – CEB/CNE, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Também foi homologada a Resolução nº01/00 – CNE.

Mesmo com as mudanças para incentivar o fim do analfabetismo, o que temos até o momento é a boa vontade dos voluntários que tentam amenizar o que ainda é uma vergonha nacional: o analfabetismo. A ausência de mudanças na estrutura da sociedade (concentração da renda, especialmente) tem gerado a reprodução das desigualdades na educação. Assim, vivemos uma fragilidade política educacional voltada a EJA (formação de professores, infra-estrutura para a EJA, material didático, etc.).

Trabalhando com a educação de jovens e adultos

A Educação de Jovens e Adultos é, hoje, reconhecida como direito público de cidadãos brasileiros de 15 anos em diante que não tiveram acesso à escola, ou que não puderam continuar seus estudos ou que foram forçados a abandonar a escola precocemente. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional (LDB) nº 9394/96, em seu artigo 37, temos que “a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” e no artigo terceiro, inciso IV, o “respeito à liberdade e apreço à tolerância é mais um princípio desta lei”. Embora, as experiências em educação de jovens e adultos sejam variadas e venham ocorrendo desde há muito tempo, a EJA só tornou-se modalidade de educação básica (ensino fundamental e médio) após o ano de 2000, com a aprovação do Parecer nº 11/2000, como citado anteriormente.

Essa modalidade de ensino acabou por exercer uma função reparadora (viabilizando o acesso do jovem e adulto na escola para que possam prosseguir seus estudos regulares tendo referência nos componentes curriculares comuns) e também foram agregados a EJA tanto os cursos quanto os exames supletivos dos níveis fundamental e médio.

Acredito que, os alunos de EJA, necessitam/precisam ser reconhecidos, quanto a sua experiência de vida e a sua faixa etária, pois a maioria são trabalhadores, com experiência profissional, alguns dos quais com uma família constituída, o que os caracterizam como alunos diferentes de crianças ou adolescentes da escolaridade regular. Assim, não podemos, por exemplo, adotar posturas nas quais façam esses alunos se sentirem inferiorizados, ou infantilizados. As diferenças constituem-se elementos importantes a serem considerados nas modalidades de EJA para que os alunos tornem-se interessados pelo estudo e permaneçam na escola. Segundo Arroyo:

A EJA tem como sujeitos as camadas rurais, os camponeses excluídos da terra, e as camadas urbanas marginalizadas, excluídas dos espaços, dos bens da cidade. Essa realidade de opressão e de exclusão e os saberes e as pedagogias dos oprimidos passam a ser os conteúdos, conhecimentos e saberes sociais trabalhados nas experiências de EJA. (2001, p. 15)

Ao trabalhar com Educação de Jovens e Adultos, precisamos respeitar as individualidades de cada aluno, levando em consideração toda a bagagem e experiência que esses adultos já possuem (algo que se estende a qualquer grupo de alunos). Então, é importante saber lidar com esse tipo de aluno, utilizando-se de práticas pedagógicas e metodologias diferenciadas de modo a despertar e manter o interesse do aluno pelos estudos e promover sua aprendizagem, diminuindo o risco de que tal aluno deixe novamente a escola.

Algo de mesma importância seriam as salas de aula, uma vez que é o ambiente em que esses alunos vão estudar, podendo ter acesso a novos conhecimentos e também, realizar suas trocas de conhecimento em um ambiente que pode ser vivo e dinâmico, onde ocorrem interações entre alunos e entre alunos e professor. Trabalhar em sala de aula com temas do cotidiano, que sejam do interesse desses alunos de EJA e que o educador possa se basear nesses interesses para promover o aprendizado dos alunos, e para uma maior integração entre eles, estimulando os alunos a pensarem e a refletirem sobre os assuntos/conteúdos.

Neste caso, o ato de pensar dos alunos, fará com que os mesmos desenvolvam certos tipos de raciocínio necessários ao conhecimento em matemática, em outras disciplinas e necessários à vida. Além de mantê-los motivados para o estudo, o educador deve perceber que esses alunos, na maioria das vezes, vão para a escola depois de uma jornada de trabalho, cansados e, dependendo da proposta pedagógica, a escola pode até perder esse aluno por este entender que não tem condições de participar e acompanhar as atividades escolares, contrariando o próprio objetivo da escola e do educador. Por essa razão esses aspectos devem ser considerados ao se tratar de EJA.

Através de observações e registros o educador pode comunicar, documentar, refletir, organizar, rever, aprofundar e historicizar os acontecimentos vividos em sala de aula e com isso ter um acompanhamento do percurso do aluno na sua aprendizagem. O educador pode utilizar desses registros, para o crescimento e estímulo de seus alunos de EJA.

Uma outra particularidade a ser observada é a avaliação e o planejamento no ensino do EJA, uma vez que eles são indissociáveis.

Na EJA, devido ao fracasso escolar vivido por alguns alunos, o método de avaliação em que são medidos acertos e erros, não mais funciona. A avaliação deve ser vista como um elemento integrante do processo de ensino e aprendizagem, em que os alunos podem utilizar suas avaliações para verem onde devem aprimorar seus conhecimentos, e também o professor pode avaliar quando e como ele deve rever a matéria com seus alunos, observando assim as dificuldades encontradas nas avaliações feitas pelos alunos.

Outro tipo de avaliação é a avaliação inicial que acontece nos primeiros dias de aula. Nela o professor vai observar a sua turma de alunos tentando identificar o ritmo como devem ser abordados os conteúdos, e também pra conhecer as experiências de vida de cada aluno. Com base nos dados da avaliação o educador pode planejar suas aulas, enxergar os temas que deve

priorizar em cada turma, tornar as aulas interessantes e conquistar a confiança dos alunos. Com o decorrer do tempo essa avaliação inicial acaba por se transformar em uma avaliação contínua, que vai ajudar o educador a adotar metodologia diferenciada e também a replanejar suas aulas.

O terceiro e último tipo de avaliação é a autoavaliação que tanto o educador quanto os alunos a utilizam para seu próprio crescimento profissional e escolar, respectivamente. Identificando objetivos não alcançados para que se sintam motivados visando à superação de obstáculos e a realização desses objetivos. Podemos considerar que esse é o primeiro passo para um planejamento pedagógico.

Acredito que, o educador de EJA considere, então, fazer um planejamento voltado aos seus alunos, para que eles deixem a escola aptos para desempenhar desde uma atividade profissional até participar de sua comunidade. Ao planejar, o educador deixa claro, o que vai ensinar, como vai ensinar, e para que ensinar, após o educador definir essas bases, ele necessita ficar atento ao Planejamento da Escola em que está inserido, não deixando de lado o fato de que os alunos de EJA estão defasados na sua escolaridade. Isto requer que o educador seja muito criterioso na seleção do que é importante que seus alunos aprendam, criando uma base completa e sustentável para aplicar em sua sala de aula.

Assim destaco aqui um trecho retirado do Caderno 5, produzido pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), do Ministério da Educação (MEC), sob o título: "Trabalhando com a educação de jovens e adultos" que diz:

A ação/reflexão que produz conhecimentos é capaz de mudar o Mundo e a nós mesmos. Este maravilhoso processo humano de conhecer, que combina o esforço pessoal com a interdependência entre as pessoas, levou Paulo Freire a afirmar que "ninguém ensina ninguém, mas ninguém aprende sozinho". (Secad, 2006, p. 30)

Esses alunos de EJA, que trazem consigo uma bagagem anterior, demonstram-se interessados e engajados no estudo e procuram uma escola devido ao tipo de trabalho que realizam (e que frequentemente exige da pessoa uma melhor formação), ou pelo próprio incentivo da família, ou até mesmo por idas e vindas na escola, enfim esses alunos encaram a escola como um projeto de vida, e isso deve ser valorizado pelo professor. Tal interesse pelos estudos é que deve ser aproveitado para ativar e desenvolver o raciocínio lógico, a reflexão, a análise, a abstração e, assim a construção do conhecimento científico. Finalizo esta parte então com o que diz Fonseca (2002, p. 49):

Naturalmente, alunos e alunas da EJA percebem-se pressionados pelas demandas do mercado de trabalho e pelos critérios de uma sociedade onde o saber letrado é altamente valorizado. Mas trazem em seu discurso não apenas as referências à necessidade: reafirmam o investimento na realização de um desejo e a consciência (em formação) da conquista de um direito. Diante de nós, educadores da EJA, e conosco, estarão, pois mulheres e homens que precisam, que querem e que reivindicam a Escola.

Assim, após análise de como seria um ambiente escolar ideal para uma turma de alunos jovens e adultos, ainda fica a questão: qual a percepção desses alunos jovens e adultos quanto ao uso da matemática em seu cotidiano/profissão, para então alcançar o objetivo proposto de identificar se esses jovens e adultos relacionam a matemática escolar com a matemática “cotidiana”. Realizando aqui, a descoberta da etnomatemática, e em seguida uma pesquisa em uma instituição de ensino que trouxe alguns parâmetros necessários, para responder a questão norteadora deste trabalho.

Etnomatemática e a educação de jovens e adultos

Foi através de participação no Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnomatemática (GEPEN), coordenado pela Profa. Dra. Maria do Carmo Domite, e estudos de alguns textos de Ubiratan D’Ambrosio (considerado o pai da etnomatemática), que me veio a descoberta da etnomatemática. Realizando assim, uma ponte entre a etnomatemática e a educação de jovens e adultos (EJA), tratados aqui neste artigo.

Para Ubiratan D’Ambrosio a etnomatemática procura entender o conhecimento matemático das culturas periféricas (saber e fazer), procura entender o ciclo da geração, organização intelectual, organização social e difusão desse conhecimento. Nas palavras de D’Ambrósio:

A etnomatemática se encaixa na reflexão sobre a descolonização e a verdadeira abertura de possibilidades de acesso para o subordinado, para o marginalizado e para o excluído. A estratégia mais promissora para a educação nas sociedades em transição da subordinação para a autonomia é restaurar a dignidade de seus indivíduos, reconhecendo e respeitando suas raízes. Essa é, no meu pensar, a vertente mais importante da Etnomatemática. (D’Ambrosio, 2000, p. 9)

Um aspecto que alunos de EJA trazem consigo são suas raízes culturais, que não podem ser excluídas ou simplesmente ignoradas. Como educadores devemos enxergar a pluralidade cultural dos alunos como algo importante de ser valorizado no trabalho pedagógico da EJA, podendo-se explorar esses temas culturais, despertando assim um ânimo maior nos alunos, e deixando que troquem suas experiências, que as discutam, que reconheçam semelhanças e diferenças entre elas. E é assim que começo a perceber as relações entre a EJA e a etnomatemática.

Então para que esses jovens e adultos que estão inseridos num ambiente escolar possam sentir mais confortáveis quanto ao temas curriculares a serem abordados, seria de grande riqueza para o aprendizado dos mesmos criar vasos comunicantes entre temas escolares e a cultura em que estão inseridos. Ao tratar dessas raízes culturais dos alunos, estamos trabalhando com a etnomatemática.

Segundo D’Ambrosio:

A proposta pedagógica da etnomatemática é fazer da matemática algo vivo, lidando com situações reais no tempo (agora) e no espaço (aqui). E por meio da crítica, questionar o aqui e agora. Ao fazer isso, mergulhamos nas raízes culturais e praticamos dinâmica cultural. (D'Ambrosio, 2000, p. 11)

É possível, também que parte dos alunos de EJA tenham diferentes tipos de dificuldades, em particular dificuldades decorrentes de uma experiência escolar anterior marcada pelo fracasso. Podemos explorar as experiências que esses alunos carregam referente ao trabalho cotidiano, assim a escola acaba recebendo um papel de sociabilizadora, uma vez que esses alunos, através dessas trocas culturais, acabam por se conhecer melhor, criando vínculos, realizando atividades em grupos, entre outras. Segundo D'Ambrosio:

Cultura é o conjunto de conhecimentos compartilhados e comportamentos compatibilizados. (2000, p. 5)

Mostrando-se de extrema importância as trocas culturais entre os alunos. A partir do momento que esses jovens e adultos possam compartilhar experiências vividas, e se integralizarem, estão produzindo conhecimento, e explorando o raciocínio. Destaco aqui, mas uma fala de D'Ambrosio:

Os pensamentos abstratos, próprios de cada indivíduo, é uma elaboração de representações da realidade e é compartilhado graças à comunicação, dando origem ao que chamamos cultura. Os instrumentos (materiais e intelectuais) essenciais para essa elaboração incluem, dentre outros, sistemas de quantificação, comparação, classificação, ordenação e linguagem. O Programa Etnomatemática tem como objetivos entender o ciclo do conhecimento em distintos ambientes. (1999a, pág. 6)

O aluno de EJA, acredito que, merece ser visto como um indivíduo inserido em um meio cultural distinto, e não apenas como "mais um aluno de EJA". Podemos considerar então, a relação cidade de origem do aluno/educação adquirida através de experiências vividas/educação escolar, assim explorando suas raízes culturais. Esse aluno deixa de ser, então, *um aluno* e passa a ser *o aluno*, sendo visto como uma pessoa com registros culturais, que são de extrema importância para seu aprendizado.

Trabalhar com EJA dentro de uma proposta etnomatemática, se torna um desafio muito interessante, onde explora as raízes culturais de jovens e adultos e seus conhecimentos matemáticos vividos/adquiridos e conhecimentos matemáticos escolares, criando uma difusão dos mesmos, e analisa também a troca cultural entre *o outro*, uma vez que uma sala de aula de EJA se revela um ambiente multicultural/vivo, com indivíduos de diversas idades, profissões e histórias de vida.

Resultados e Análises de Dados

A compreensão do ensino de Jovens e Adultos e particularmente o ensino da matemática requerem a análise de diferentes elementos e a aproximação com a realidade de uma instituição de EJA. O estudo proposto se apóia em dados coletados com a aplicação de questionário para alunos de EJA.

Apresento aqui o questionário aplicado junto a alunos de quatro salas de aula de EJA de uma mesma escola.

*Questionário – Matemática na EJA

- 1- Qual é a sua idade? (gráfico 1)
- 2- Com quantos anos voce deixou a escola? (gráfico 2)
- 3- Por qual motivo voce decidiu voltar a estudar? (gráfico 3)
- 4- Qual a sua profissão? (gráfico 4)
- 5- Voce gosta de aprender matemática?
- 6- Voce usa matemática na sua profissão/no seu dia-a-dia? Se sim, Como? (tabela 1)
- 7- Comentários. (Aberto para você escrever o que quiser a respeito da escola)

Apresento em seguida uma descrição e análise dos dados das questões.

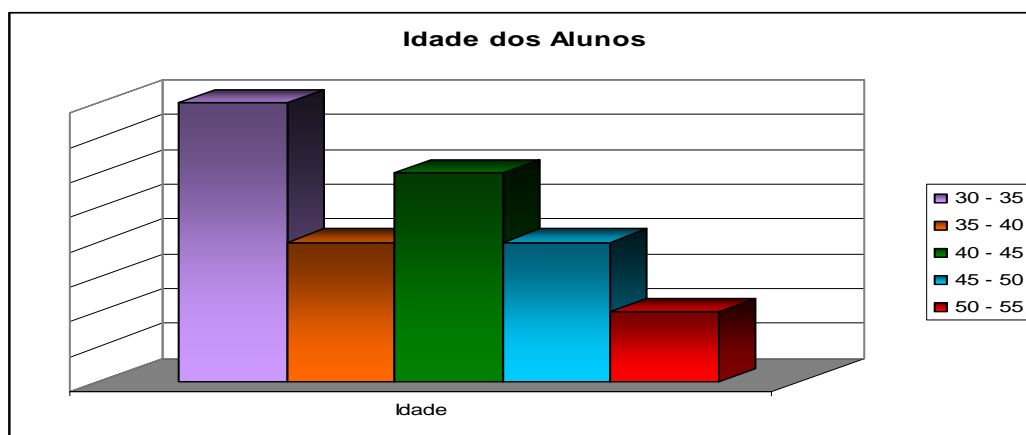


Figura 1. Idade dos alunos

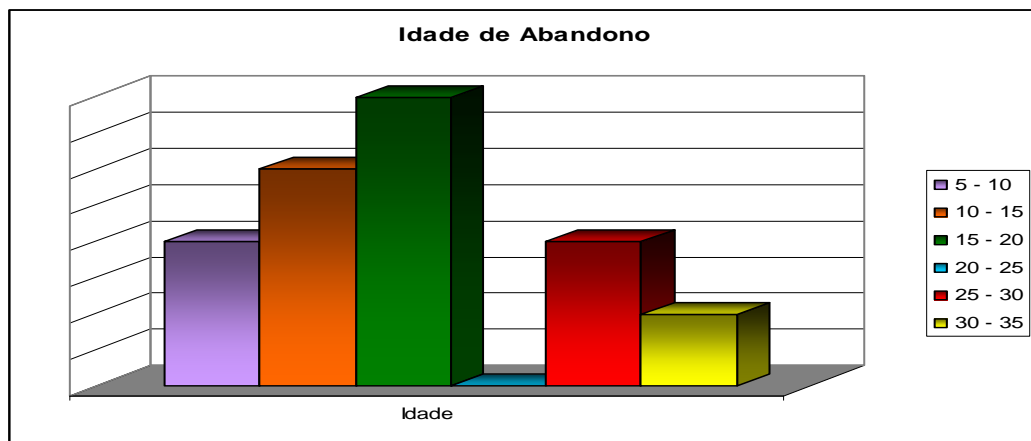


Figura 2. Idade de abandono

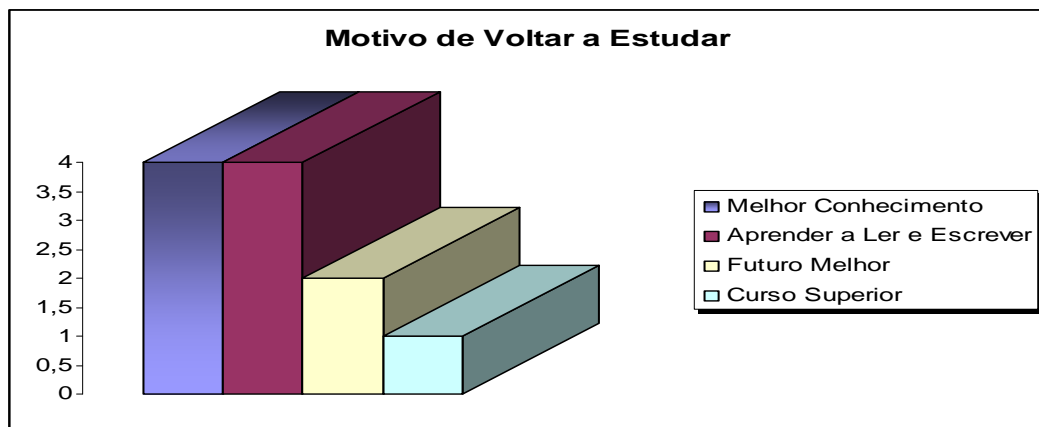


Figura 3. Motivo de voltar a estudar

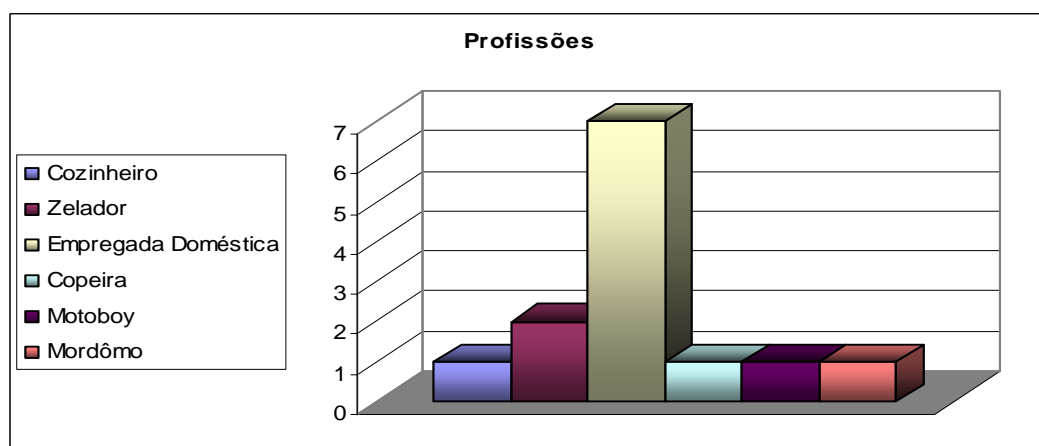


Figura 4. Profissões

Tabela 1.

Uso da matemática nas profissões

Profissões	Uso da Matemática
Cozinheiro	Contar dinheiro, pagamentos de contas, cozinhar (identificar as medidas contidas nas receitas, quantidade de alimentos a serem comprados)
Zelador	Contar dinheiro, pagamentos de contas
Empregada Doméstica	Contar dinheiro, pagamentos de contas, cozinhar (identificar as medidas contidas nas receitas, quantidade de alimentos a serem comprados)
Copeira	Contar dinheiro, pagamentos de contas, cozinhar (identificar as medidas contidas nas receitas, quantidade de alimentos a serem comprados)
Motoboy	Contar dinheiro, pagamentos de contas, fazer cálculo de distâncias, litros de gasolinas necessários, identificação de endereços pelo uso de mapas
Mordomo	Contar dinheiro, pagamentos de contas, cozinhar (identificar as medidas contidas nas receitas, quantidade de alimentos a serem comprados)

Podemos observar que há uma maior concentração de alunos nas faixas etárias de 30 a 35 anos e de 40 a 45 anos, sendo que há mais alunos na primeira faixa o que nos permite concluir que os adultos são dominantes nessa instituição e que é escassa a procura por jovens e por pessoas de terceira idade, segundo figura 1.

Percebe-se que esses dados refletem a realidade encontrada em outras instituições de ensino, em que a procura de adultos aos estudos está se tornando cada vez mais frequente, sendo assim de grande importância os programas e o incentivo do governo na EJA.

Podemos observar a figura 2, em que a maioria dos alunos deixou/largou a escola entre 15 e 20 anos de idade.

De fato, é unânime o desejo dos alunos um futuro melhor e vêm nos estudos uma ponte para alcançar seus objetivos. (figura 3)

Foi então introduzido questões relativas à matemática no questionário (questão 5). Perguntou-se os alunos gostam de aprender tal disciplina, pois se pretendia identificar o interesse dos alunos de EJA, dessa instituição de ensino, pela matemática.

A resposta foi unânime, os alunos responderam que gostam muito de matemática, pois a utilizam bastante em suas profissões, mas admitem que possuem muitas dificuldades.

O interessante é que apesar das dificuldades que esses alunos apresentam em matemática (realizar cálculos, raciocínio matemático, abstração, etc) eles realmente querem aprender e, para isso, demonstram ter muita força de vontade. Alguns até gostam dos desafios que a disciplina apresenta. É aí que o educador deve explorar o interesse e a força de vontade do aluno, aplicando atividades diferenciadas para que essa disposição para aprender e usar a matemática não desapareça.

A sexta questão trata do uso da matemática no dia-a-dia do aluno e/ou em suas profissões. A resposta também foi unânime, todos os alunos utilizam matemática diariamente. (Observar figura 4 e Tabela 1). É neste momento em que foi observado a relação dos alunos com a matemática, e assim criando uma ponte com a etnomatemática.

Uma resposta interessante foi de uma empregada doméstica que disse que só percebeu que utilizava matemática em seu dia-a-dia/profissão após parar para pensar na questão aplicada. Isto releva também que a matemática apesar de necessária nas diferentes atividades das pessoas, nem sempre, é algo percebido por todos.

Como a última questão era aberta e requeria uma resposta livre, apenas alguns alunos responderam dizendo que gostam muito da escola em que estudam e que gostam do professor de matemática. É muito importante que os alunos se sintam bem em seu local de estudo, e que realmente gostem de frequentá-lo, pois só assim após um dia exaustivo de trabalho, eles possuem ânimo suficiente para ir à escola estudar.

. Estas informações obtidas refletem então o quadro das opiniões dos alunos de EJA dessa instituição de ensino sobre diferentes aspectos da sua escolaridade atual, dos quais sua relação com a matemática foi o mais relevante.

Considerações finais

Observa-se que os estudantes (pesquisados) de EJA se interessam pelo estudo em geral e particularmente pela matemática. Esses alunos utilizam a matemática em suas profissões e também em seu dia-a-dia, sendo assim a matemática uma “ferramenta” importante para eles.

Assim, considero que o objetivo (na instituição de ensino pesquisada) foi alcançado, uma vez que se há uma satisfação dos alunos de EJA pesquisados, então a escola está fazendo com que esses alunos se sintam realizados e bem em seu ambiente escolar, estão sendo respeitados, e acompanhados em seu ritmo de estudo, observando então a etnomatemática inserida nessa instituição de ensino.

A instituição de ensino, portanto, é o meio em que os alunos de EJA, em geral, procuram para alcançar seus objetivos (a maioria desses alunos almeja um diploma do ensino regular para uma melhoria em suas vidas e conseguir um trabalho que lhes agrade, para a realização de um curso superior, para ter um destaque no futuro, entre outros) e recuperar o tempo “escolar” perdido.

O interessante é que muitas vezes esses adultos utilizam-se de matemática em seu cotidiano/profissão, porém não percebem esse uso. Para esses adultos, as contas e raciocínios feitos são parte de seu cotidiano, e muitas vezes não enxergam a ponte entre a matemática vivida e a matemática escolar. Para eles é automático realizar tarefas das quais estão acostumados e que utilizam raciocínio lógico. Portanto, esses raciocínios adquiridos com suas experiências de vida fazem parte de sua identidade cultural.

Assim, ao pensar em EJA, devemos pensar em etnomatemática, e repetir as individualidades e experiências do outro, em seu contexto social de vida.

É importante que o governo continue criando programas para a melhoria da EJA, e que o investimento nesse tipo de ensino seja grande, melhorando a escolarização dos alunos e combatendo o analfabetismo entre jovens e adultos. Pois os jovens e adultos merecem a sua devida atenção e um ensino de qualidade que lhes são devidos.

Referências Bibliográficas

Arroyo, M. (2011). A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. *Alfabetização e Cidadania: Revista de educação de jovens e adultos*, 11, 09-20.

D'Ambrosio, U. (2000). *Etnomatemática: uma proposta pedagógica para a civilização em mudança*. Palestra de encerramento do Primeiro Congresso Brasileiro de Etnomatemática, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Retirado de <http://vello.sites.uol.com.br/proposta.htm>

D'Ambrosio, U. (1999). *O programa etnomatemática: história, metodologia e pedagogia*. Retirado de <http://vello.sites.uol.com.br/program.htm>

FONSECA, M.C.F. R. (2002). *Educação matemática de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica.

SECAD, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. (2006). *Trabalhando com a educação de jovens e adultos. Cadernos de EJA, 1-5(5)*, 53.

BRASIL, Ministério da Educação. (2009). *Legislação*. Retirado de <http://portal.mec.gov.br/>